

# INTRODUÇÃO

Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski; "Introdução", p. 7-16. In: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Org). *Mulheres, Linguagem e Poder - Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. ISBN: 978-85-8039-121-3, DOI 10.5151/9788580391213-0000

Mudanças no papel contemporâneo das mulheres e das relações de gênero tornam necessários ajustes teórico-metodológicos no campo da Sociolinguística desenvolvida no Brasil com fins de oferecer um instrumental de pesquisa atualizado para se refletir sobre as especificidades linguísticas desse grupo social no contexto brasileiro moderno. Essa foi a premissa do projeto **Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira**, financiado pelo edital MCTI/CNPq/SPM-PR/MDA N° 32/2012 (Processo 404932/2012-6), coordenado por nós no período de 2012 a 2015 e envolvendo uma equipe interinstitucional, com graduandas e mestrandas da Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal de Santa Catarina.

O foco do projeto foi o papel do sexo/gênero na Sociolinguística no Brasil atual. Focamos o Brasil e a atualidade porque a Sociolinguística surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos, um contexto sociocultural particular que, no tocante à relação entre linguagem e sexo/gênero, ofereceu algumas explicações, tais como o fato de as mulheres preferirem as formas padrão ou não estigmatizadas decorreria tanto de seu papel como mães e educadoras, como de sua busca por legitimação profissional ou mobilidade social em um contexto preponderantemente masculino. Talvez esta explicação fosse válida e pertinente nos anos 1960; hoje, evidentemente, não se pode dizer que é este o papel das mulheres na sociedade, nem norte-americana, nem brasileira.

Resultados acerca desta mudança social em relação ao papel da mulher evidenciam a necessidade de mudança nos pressupostos teórico-explanatórios da Sociolinguística no Brasil. O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010, por exemplo, aponta para o aumento de mulheres que são arrimo de lar, trabalhando fora de casa. Hoje, quem cuida dos filhos ainda é mulher (babás, cuidadoras e profissionais de creches), mas não a mãe, e certamente o cuidado com o uso das formas linguísticas de prestígio como índice de ascensão social com as crianças sob seus cuidados não é preocupação precípua destas mulheres como o seria para a mãe. Nas novas configurações do espaço público, as mulheres

cada vez mais assumem papéis sociais de ampla visibilidade ou de grande prestígio, como cargos políticos, gestoras de empresas multinacionais ou profissionais liberais.

Na Sociolinguística (assim como nas demais ciências de cunho social), nenhuma variável social está desvinculada de outra; a variável sexo/gênero é, na verdade, um rótulo amplo que recobre diferentes nuances sociais e estilísticas, a exemplo do que ocorre, por exemplo, com a faixa etária (ECKERT; 1997; FREITAG, 2005) e a classe social (LABOV, 1990). A interação entre variáveis é tão forte que a variável tem sido denominada de “sexo/gênero” por conta de recobrir muito mais do que a dimensão biológica. Trata-se de considerar os papéis sociais desempenhados por homens e mulheres ou, em outros termos, a maneira pela qual a construção da identidade de gênero (feminina ou masculina) é perpassada por questões linguísticas. Assim, esta distinção também incorre em um outro desafio para os estudos sociolinguísticos: o recorte sociolinguístico tradicional tem concebido uma sociedade bipolarizada em termos de gênero, onde só existem homens e mulheres, tanto na perspectiva biológica como na perspectiva social. Ou, pelo menos assim a sociedade tem sido representada nas amostras sociolinguísticas. A distinção meramente formal entre sexo e gênero é inócua se a constituição das amostras continua a se dar de modo binário.

Em sua agenda de trabalho para estudos sobre o papel do sexo/gênero, Scherre e Yacovenco listam, dentre outros pontos relacionados especificamente aos fenômenos que analisam, os seguintes pontos para reflexão:

- 1) A importância da codificação da variável sexo na busca do entendimento do papel do gênero – a questão da comparabilidade dos resultados.
- 2) A questão das amostras e dos gêneros discursivos [...]
- 3) A necessidade de amostras maiores para análises dos dados dos homens e das mulheres separadamente.
- 4) O controle do papel do indivíduo (tarefa metodologicamente fácil) e das comunidades de prática (tarefa metodologicamente difícil).
- 5) A importância da relação entre os interlocutores no processo de escolha dos pronomes de segunda pessoa.
- 6) A difícil tarefa de considerar a questão das classes sociais no Brasil e a importância dada por Labov (2001) à relação entre gênero e classe social e os diversos momentos da mudança linguística. (SCHERRE; YACOVENCO, 2011, p. 141)

Discutir o papel da mulher e a questão do controle do sexo/gênero nas amostras sociolinguísticas das pesquisas desenvolvidas no Brasil foram dois de nossos objetivos, e estão apresentados nos capítulos 1, 2 e 3 desta coletânea; para cumprir o terceiro, dar “novo olhar aos efeitos de gênero em fenômenos sociolinguísticos”, contamos com a colaboração de pesquisadores que têm se dedicado a refletir sobre o papel da mulher nos estudos sociolinguísticos, em diferentes

níveis. O resultado é uma obra cujo enfoque é explorar e problematizar o papel desempenhado pelo gênero nos estudos sociolinguísticos labovianos brasileiros. Tal problematização coloca em questão dois amplos procedimentos de pesquisa em Sociolinguística: as abordagens centradas nos modelos quantitativos de comunidades de fala e as abordagens focalizadas em pesquisas de cunho etnográfico e qualitativo. As primeiras tendem a focalizar a sociedade, em busca de padrões linguísticos recorrentes ou generalizáveis, passíveis de serem tomados como traços de uma dada comunidade ampla de falantes. Já as abordagens qualitativas tendem a priorizar comportamentos linguísticos locais, em que a investigação sobre os indivíduos – contextualizados em redes sociais ou comunidades de prática – poderia revelar possíveis causas para processos de variação e mudança linguística. A oscilação entre macro e micro abordagens da sociolinguística variacionista, de inspiração laboviana, tem sido fortemente discutida, a exemplo de Penelope Eckert no seu diagnóstico a respeito das três ondas que caracterizariam a sociolinguística variacionista.

Os trabalhos apresentados nesta coletânea ilustram a maneira como o tratamento conferido a questões de gênero e de sexo oscilaram e oscilam em virtude das abordagens adotadas. De maneira geral, as abordagens macro e centradas em modelos estatísticos tendem a considerar o gênero como sexo biológico, transformando-o em uma variável passível de contagem e sistematização. Essa redução sociológica do gênero a sexo biológico tem sido amplamente debatida e questionada. Outras variáveis como classe social, escolarização e etnicidade (sendo esta pouco explorada nos estudos brasileiros) são, contudo, raramente alvo de problematizações por não transformarem as categorias sociais em elementos facilmente quantificáveis.

As pesquisas de caráter amplo possibilitam um levantamento das tendências linguísticas de uma comunidade de fala. A frequência dos usos linguísticos, tão cara ao modelo estatístico, revela tendências linguísticas que mobilizam a construção de hipóteses e afirmações sobre, por exemplo, a norma do português brasileiro, especialmente ao considerar o papel exercido pela escolarização no comportamento linguístico dos sujeitos. Outra característica dos modelos sociolinguísticos brasileiros centrados na quantificação de cunho laboviano é a construção de banco de dados amplamente compartilhados por diferentes grupos de pesquisa no Brasil – como são os casos do PEUL, VARSUL, IBORUNA, NORPORSFORT, Falares Sergipanos, entre outros<sup>1</sup>. Embora tais bancos, de forma geral, considerem um modelo relativamente padrão de coleta de dados (a entrevista

---

1 Para maiores detalhes sobre os bancos de dados, remetemos à leitura de Paiva e Scherre (1999) e Scherre e Roncarati (2008), para o PEUL, Gonçalves (2008), para o IBORUNA, Zilles (1994) Vandresen (2005) Bisol, Menon e Tasca (2008) e Collichonn e Monaretto (2012), para o VARSUL, Araújo (2011) para o NORPORSFORT, Freitag (2013) e Freitag, Martins e Tavares (2012), para o Falares Sergipanos.

sociolinguística), é preciso considerar que há elementos que fogem da regularidade prevista pelo protocolo de aplicação das entrevistas, alargando a possibilidade de exploração desses dados através de olhares interpretativos e contextualizados. Nos alinhamos à proposta de submeter as pesquisas de cunho macro a indagações que busquem um olhar qualitativo, especialmente porque estamos lidando com questões identitárias e sociais que não são estanques, mas suscetíveis a processos de transformação sócio-histórica. Essa proposta tem motivado uma ampliação das formas de coleta de dados, incorporando, por exemplo, metodologias centradas em comunidades de prática e redes sociais.

Ao tematizar a relação entre gênero e usos linguísticos na Sociolinguística, colocamos em tela as metodologias e os modelos explanatórios utilizados – por vezes sem grandes problematizações – em pesquisas brasileiras. Entendemos ser necessário e latente um diálogo entre essas metodologias com a situação social, histórica e política do Brasil. A “brasilidade” deve se inserir não apenas nos dados, mas, sobretudo, no olhar conferido a esses dados e à forma de seu levantamento. Com isso, as inovações metodológicas e teóricas – mediante casamentos teóricos propostos entre áreas do conhecimento – são muito bem-vindas. É o caso, por exemplo, de aproximações entre funcionalismo e sociolinguística, sociolinguística e estudos do discurso, sociolinguística e políticas linguísticas, entre outros. O diálogo interdisciplinar é fundamental para que haja uma revisão das categorias basilares dos campos envolvidos, evidenciando, inclusive, seus limites e alcances explanatórios. Assim, ao apresentarmos nessa obra uma série de artigos que exploram a relação entre os usos linguísticos e o gênero no interior das pesquisas sociolinguísticas, propomos uma revisão teórica e metodológica que esteja em consonância com um “abrasileiramento” da pesquisa, reconhecendo e validando os diálogos e “ajustes” teóricos e metodológicos feitos por pesquisadores de forma a buscar uma compreensão mais contextualizada do funcionamento da linguagem em relação a questões de gênero.

Esta coletânea é composta por 14 capítulos. No primeiro capítulo, Raquel Meister Ko. Freitag propõe uma problematização das categorias de “gênero” e “sexo” utilizadas pelas pesquisas variacionistas no Brasil, em diálogo com as propostas de revisitação do tema por pesquisadores americanos.<sup>2</sup> Para tanto, apresenta uma rica contextualização das pesquisas brasileiras sobre os estudos sociolinguísticos envolvendo gênero e sexo, apontando para o “paradoxo do gênero”. Entre outros aspectos, a autora questiona: de que maneira a oscilação entre os

---

2 O título do capítulo retoma o título do simpósio temático organizado no Fazendo Gênero 10, em 2013, momento em que pudemos compartilhar com a comunidade acadêmica as questões norteadoras do projeto. Presentes nesta coletânea estão outros trabalhos cujas reflexões foram instigadas naquele momento, como os trabalhos de Elisa Battisti e Cláudia Camila Lara; Kelly Carine dos Santos e Andréia Silva Araújo, e Cristiane Conceição de Santana, Thaís Regina Conceição de Andrade e Raquel Mesiter Ko. Freitag.

usos de termos como gênero, sexo, sexo/gênero ou gênero/sexo revela uma oscilação metodológica e teórica, entre as macro e micro abordagens? Acreditamos que a Sociolinguística deve assumir essa oscilação não como um problema, mas como reveladora da necessidade de se manter o diálogo entre esses dois níveis, macro e micro, interligados. Freitag aponta, ainda, para a necessidade de revisão do uso das “hipóteses clássicas” – centradas em contexto americanos dos anos 1960-1970 – por pesquisadores brasileiros para a explicação de fenômenos linguísticos contemporâneos, gerando um efeito cascata de reprodução de modelos explicativos sem maiores questionamentos. A autora também sinaliza para a necessidade de problematização de generalizações baseadas em controles estatísticos e para a importância de realização de testes de atitude para se compreender com maior precisão o significado social das variáveis.

Nos capítulos 2 e 3, Cristine Gorski Severo e Nahalia Müller exploram um olhar micro para se refletir sobre o gênero tomado como uma categoria identitária. A partir de uma abordagem centrada em comunidades de prática (as rendeiras de Florianópolis), as autoras exploram teórica e metodologicamente as potencialidades e a importância de se considerar a relação imbricada entre a construção de uma identidade de gênero vinculada à tradição e aos usos linguísticos. Nessas reflexões, o escopo não é a variável linguística, mas a prática linguística, em que se focaliza o papel do canto (cantigas da ratoeira) na construção de uma identidade feminina e tradicional. A proposta, portanto, dialoga com reflexões teóricas sobre identidade, discurso e língua, salientando o papel desempenhado pelos sujeitos nas práticas linguísticas. Trata-se de uma proposta discursiva de pesquisa e problematização sociolinguística, conferindo atenção para os conceitos de prática linguística, de identidade e tradição.

O capítulo 4, assinado por Marcela Langa Lacerda Bragança e Lilian Keide Arnhold de Azevedo, mobiliza um micro olhar centrado nos sujeitos, ao abordarem a fala de três mulheres residentes do bairro tradicional Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. As autoras analisam a variação da palatalização das oclusivas alveolares como lugar de inscrição de significados identitários. Para tanto, consideram o papel da identidade como mobilizadora da variação da palatalização nas falas de três gerações de mulheres. As autoras submetem a análise quantitativa das ocorrências da variável a um olhar qualitativo, analisando os contextos discursivos de emergência da variável, como, por exemplo, a consideração do tema como variável que interfere no uso (ou não) da palatalização.

Elisa Battisti e Claudia Camila Lara, no capítulo 5, propõem uma articulação entre abordagens quantitativas e qualitativas na análise do papel desempenhado pelo gênero/sexo em relação a dois fenômenos fonético/fonológicos no Rio Grande do Sul: o vozeamento/desvozeamento variável de /p/ e /b/ no português de contato com uma língua de imigração alemã, e a palatalização variável das plosivas alveolares diante de /i/ no português de contato com uma fala dialetal italiana.

Os resultados apontam que as mulheres tendem a liderar a aplicação do vozeamento/desvozemanto variável, embora a variante seja considerada estigmatizada; em relação à outra variável, as mulheres palatalizam mais do que os homens, embora o percurso histórico da variável revele uma mudança no comportamento linguístico dos homens. Nos dois casos, estão em jogo as relações entre as identidades de gênero e de pertencimento simbólico a uma comunidade de tradição, colocando em xeque a explicação clássica de que as mulheres tendem a assumir as variantes de prestígio.

No capítulo 6, Livia Oushiro explora a correlação entre o papel do gênero/sexo e de classe social na variação da concordância verbal na fala de sujeitos paulistanos. Seus dados revelam que o uso da forma de maior prestígio oscila fortemente em relação à classe social do falante, independente do gênero, o que enfraquece o argumento clássico de que as mulheres tendem a usar as formas de prestígio. A autora, assim, aponta para a importância de se correlacionar variáveis sociais – classe e gênero – de forma a se evitar generalizações sobre os comportamentos linguísticos das mulheres.

Andréa Mangabeira, no capítulo 7, propõe uma articulação entre pesquisas qualitativas e quantitativas para se compreender o papel do gênero/sexo na concordância nominal de número, focalizando o papel estilístico dessa variável em relação a questões identitárias envolvendo gênero (feminino) e faixa etária (jovens e adultos). Os estudos foram realizados em uma escola pública de Porto Alegre voltada para a educação de jovens e adultos e se apoiaram na metodologia focada em comunidades de prática. No capítulo seguinte, Cláudia Andréa Rost Snichelotto e André Fabiano Bertozzo exploram o papel desempenhado pela variável sexo/gênero nos usos de marcadores discursivos originários de verbos que carregam um certo estigma social em relação à norma, como: *olha e vê, sabe? e entende?, eu acho, sei lá, deixa eu ver, deixa eu pensar e deixa eu lembrar*. Na contramão da hipótese sociolinguística clássica de que as mulheres tendem a usar formas de prestígio, os autores mostram que os marcadores discursivos analisados são mais usados por homens do que mulheres na comunidade de fala de Chapecó, localizada no oeste catarinense.

No capítulo 9, Kelly Carine dos Santos e Andréia Silva Araujo investigam os efeitos da variável sexo/gênero no uso de duas estratégias de polidez: a forma verbal futuro do pretérito e a forma pronominal *nós/a gente*. As pesquisas se apoiam em dados de fala da amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE*. Ressalta-se que o levantamento de dados nesta pesquisa propõe uma inovação em relação à entrevista clássica ao considerar as interações de um grupo focal, possibilitando o controle de fenômenos pragmáticos e sociolinguísticos de polidez em relações diversas de interação de gênero (homem-homem, homem-mulher, mulher-mulher e mulher-homem). As autoras mostram que a simetria das relações favorece a polarização de uso de *a gente* (M-M) e de *nós* (H-H). Por

outro lado, o uso de futuro do pretérito não revelou diferenciações afetadas por questões de gênero.

De forma semelhante, Josilene de Jesus Mendonça e Jaqueline dos Santos Nascimento exploram, no capítulo 10, os efeitos do gênero/sexo nas estratégias de indeterminação do sujeito consideradas como estratégias de polidez. Tais estratégias incluem o uso das formas *a gente*, *você*, *eles*, *nós*, *eu*, 3ª pessoa, construções com *se*, *infinitivo* e *forma* nominais; nesse caso, a forma pronominal *você* é a mais utilizada por homens e nas interações H-H, seguida por *a gente*, mais usada por mulheres e nas interações M-M. Para tanto, as autoras analisam dados da amostra da *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE*, em consonância metodológica com o capítulo 9. O capítulo 11, de Gisonaldo Arcanjo de Sousa, aborda o uso das formas em competição *Senhor(a)*, *Você* e *Tu* em cartas pessoais femininas do Seridó Potiguar (anos 1980), realçando questões de poder e solidariedade. Os dados integraram os corpora *Essas Mal Traçadas Linhas I* e *Essas Mal Traçadas Linhas II*. Os resultados revelam um amplo uso da forma *você* pelas mulheres, seguida pelo uso de *senhor* e de *tu*.

No capítulo 12, Cristine Conceição de Santana, Thaís Regina Conceição de Andrade e Raquel Meister Ko. Freitag analisam os usos de formas de tratamento na comunidade de prática religiosa “Mãe da Divina Graça”, localizada no povoado Açuzinho, Lagarto/SE. Essa comunidade é constituída por uma hierarquia que integra doze mulheres e um representante masculino, sendo grande parte idosos e com baixa escolarização. Os dados integram o banco de dados Falares Sergipanos. Os resultados revelam uma série de usos de formas de tratamento, com distinção especial para a forma usada pelas mulheres em relação ao representante masculino “Seu Edvaldo”. A pesquisa revela a maneira como os significados sociais de poder se vinculam localmente às formas linguísticas.

Carla Mirelle Matos Lisboa, no capítulo 13, analisa o efeito do gênero/sexo no uso de formas de tratamento em uma comunidade de prática da Defensoria Pública, localizada no Estado do Rio de Janeiro, no município de Niterói. Além de pesquisa de base etnográfica, a autora aplicou testes de autoavaliação de forma a captar as avaliações individuais sobre as escolhas linguísticas. A autora aponta para o papel das relações de poder nos usos das formas de tratamento, em especial no uso do termo *doutora* para se referir à defensora pública. Além disso, a pesquisa revela uma oscilação nas formas de tratamento usadas pelas mulheres em relação ao único funcionário masculino da comunidade analisada.

No último capítulo, Simone Schmidt apresenta uma perspectiva historiográfica das preocupações acadêmicas e políticas das intelectuais feministas no Brasil, em diálogo com as estudiosas estrangeiras. A autora, cuja voz também ressoa as preocupações do campo literário, contribui fortemente para essa nossa proposta de revisitação das reflexões sobre língua e gênero nas pesquisas sociolinguísticas. A compreensão do percurso acadêmico e político do movimento e pensamento

feminista nos permite assumir uma posição cautelosa em relação aos estudos que envolvem língua e identidade, especialmente quando se considera uma perspectiva pós-colonial e crítica, em diálogo com as especificidades do contexto sócio-histórico e político brasileiro. Acreditamos que o diálogo interdisciplinar é, dentre outras, uma forte contribuição para as pesquisas acadêmicas dos movimentos que buscam dar voz e visibilidade para pessoas que foram historicamente excluídas ou silenciadas.

Com o desenvolvimento do projeto, culminando com esta coletânea, fortalecemos a atividade de pesquisa interinstitucional (Universidade Federal de Sergipe e Universidade Federal de Santa Catarina), em nível de graduação e de pós-graduação, focando uma temática tão abrangente e carregada de significado social no Brasil hoje como a questão de gênero. Além disso, esta coletânea oferece ao campo científico da Sociolinguística uma proposta de tratamento dos dados linguísticos vinculados à dimensão do gênero (mulheres) a partir de uma abordagem reflexiva, que considere o gênero uma construção social e não uma determinação biológica, o que pode contribuir para os estudos sobre o funcionamento do português brasileiro a partir da consideração do papel das mulheres seja na estabilização da norma culta, seja como inovadoras no processo de mudança linguística.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aluiza Alves. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza NORPOFOR. *Cadernos do CNLF*, v. 15, n. 5, p. 835-845, 2011.
- BISOL, Leda; MENON, Odete Pereira da Silva; TASCA, Maria. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). **Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7letras 2008, p. 50-48.
- COLLISCHONN, Gisela; MONARETTO, Valéria. Banco de dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 835-853, 2012.
- ECKERT, Penelope. Age as a sociolinguistic variable. In: COULMAS, Florian. **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Banco de dados falares sergipanos. **Working Papers em Lingüística**, v. 14, n. 2, p. 156-164, 2014.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. Idade: uma variável sociolinguística complexa. *Línguas & Letras*, v.6, p.105-121, 2005.
- FREITAG, Raquel Meister Ko; MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, p. 917-944, 2012.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Projeto ALIP (amostra linguística do interior paulista): questões teóricas e metodológicas sobre a constituição de um banco de dados de língua falada. **Avanços da lingüística de corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, p. 217-245, 2008.

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language, variation and change**, v. 2, n.2, p. 205-254, 1990.

PAIVA, Maria da Conceição de; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. **DELTA**, v. 15, n. spe, p. 201-232, 1999.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; RONCARATI, Cláudia. Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL): origens e trajetórias. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATI, Cláudia (orgs.). **Anthony Julius Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7letras 2008, p. 37-49.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, p. 121-146, 2011.

VANDRESEN, Paulino. O Banco de Dados VARSUL: do sonho à realidade. **Estudos de variação lingüística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005, p. 145-150.

ZILLES, Ana MS. Projeto VARSUL: banco de dados e projetos de análise. **CADERNOS DO INSTITUTO DE LETRAS**, v. 12, p. 29-31, 1994.

